

PROGNÓSTICO AGROPECUÁRIO MANDIOCA

2021/2022

ISSN
2764-2887

VOL 13 N. 34 - 2021



**DEPARTAMENTO DE
ECONOMIA RURAL - DERAL**

DIVISÃO DE CONJUNTURA
AGROPECUÁRIA

**ECONOMISTA
METHODIO GROXKO**
methodio@seab.pr.gov.br

**RESIDENTE TÉCNICO:
ENG. AGRÔNOMO
MSC. JOABE RODRIGUES PEREIRA**
joabe.pereira@seab.pr.gov.br

Governo do Estado do Paraná

Carlos Massa Ratinho Junior

**Secretaria de Estado da Agricultura e do
Abastecimento**

Norberto Anacleto Ortigara - Secretário

Richardson de Souza - Diretor-Geral

Rubens Ernesto Niederheitmann - Diretor Técnico

Departamento de Economia Rural

Salatiel Turra - Diretor

Divisão de Conjuntura

Marcelo Garrido

Divisão de Estatísticas Básicas

Larissa Nahirny

Responsável Técnico

Methódio Groxko

Residente Técnico

Joabe Rodrigues Pereira

Capa

Adriana Geray Artigas

Joabe Rodrigues Pereira

Mapas

Antonio Octaviano de Andrade Neto

Debora Stefane Souza

Colaboração -Estagiário

Alexsander Caiut Beilner

Edição

Joabe Rodrigues Pereira

Evandro Fadel

1. Introdução

A mandioca (*Manihot esculenta* Crantz) está entre as culturas agrícolas que merecem grande destaque. Além de ser cultivada em mais de 100 países e ter importância na alimentação humana e animal, é utilizada como matéria-prima em diversos produtos industriais. Ela é uma das principais culturas no Brasil, com enorme participação histórica, econômica e social.

O Paraná é líder nacional na industrialização, principalmente na produção de fécula. Quando se refere à produção nacional de raiz, o Estado mantém o segundo lugar, com a cultura se estendendo por todos os municípios. O objetivo deste trabalho é apresentar considerações e dados da cultura da mandioca, assim como demonstrar sua importância na economia agrícola mundial, no Brasil e no Paraná.

2. Mundo

2.1 Produção Mundial

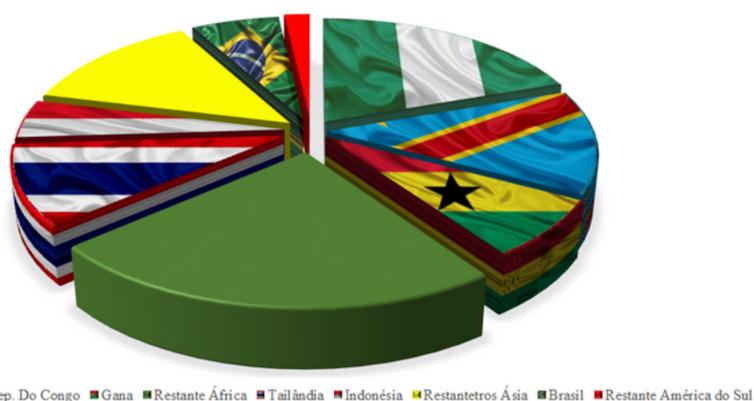
Dentre os principais produtos que fazem parte da cesta básica, a mandioca ocupa lugar de destaque em vários países. Segundo a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação – FAO, a produção mundial de mandioca, diferentemente de outros produtos alimentícios, tem apresentado um contínuo crescimento. O último dado registrado pela FAO indica, para o ano de 2019, uma área ocupada com a mandioca de 27.520 mil hectares,

uma produção de 303.569 mil toneladas e a produtividade média de 11.030 kg/ha.

Lembrando que, nos últimos 50 anos, a produção mundial de mandioca passou de 99 milhões para aproximadamente 304 milhões de toneladas, registrada em 2019, portanto, um crescimento de 207% ou 4.2% ao ano (1).

Com vistas à redução da fome, em especial nas regiões mais pobres e de baixa renda, a FAO vem alertando as autoridades para a necessidade de aumentar a produção de alimentos básicos. Recentes estudos elaborados pelos técnicos da FAO indicam que a mandioca faz parte da alimentação diária para cerca de 700 milhões de habitantes, em especial nos países africanos, onde a disponibilidade de alimentos básicos está muito comprometida (1). Normalmente esses alimentos são produzidos em pequenas propriedades ou pela agricultura familiar. No caso da cultura da mandioca, cabe destacar a sua importância socioeconômica no Continente Africano, onde, nas últimas décadas, os cultivos vêm aumentando e até se tornando alimento de segurança nacional.

O expressivo aumento da produção mundial de mandioca deve-se basicamente à participação da África, que, durante os últimos 50 anos, passou de 40 milhões para 192 milhões de toneladas, o que representa cerca de 60% dos 304 milhões de toneladas produzidas em 2019 (1). Entre os principais países produtores de mandioca, no continente Africano, destacam-se: Nigéria, República Democrática do Congo e Gana (FIGURA 01).



FONTE: FAO; SEAB/DERAL, 2021.

FIGURA 01 - MUNDO: Produção Mundial e demanda nos principais países (milhões de toneladas)

Segundo a FAO, a Nigéria produziu, no ano de 2019, cerca de 59 milhões de toneladas de mandioca, contra 10 milhões de toneladas em 1970. No decorrer deste período, a cultura apresentou um aumento de 490%, resultando na média anual de aproximadamente 10%. Com isso, a Nigéria representa 31% da produção africana e 20% do total mundial. Outro país de destaque na África é a República do Congo, que está ampliando os plantios e amenizando os problemas crônicos da alimentação, principalmente nas camadas de mais baixa renda (1).

Na Ásia, a cultura da mandioca já atingiu um grau tecnológico bastante avançado, diferente da África, que produz em pequena escala e com pouca tecnologia. Como principais países produtores asiáticos destacam-se a Tailândia e a Indonésia. Um dos resultados já alcançados, em especial na Tailândia e Indonésia, é a produtividade média de 21.000 kg/ha, contra 13.000 kg/ha na África e 14.000 kg/ha no Brasil (1).

Apesar do volume produzido de mandioca ser mais modesto, a Ásia construiu grandes plantas industriais durante os últimos anos. Neste setor destacam-se as indústrias de fécula e de “pellets”, focando especificamente o mercado internacional. A maior concentração industrial se localiza na Tailândia, onde foram investidos grandes volumes de recursos, tanto no setor agrícola como na construção de modernas fábricas. Diante dessa evolução, a Tailândia assume a liderança mundial na produção e exportação desses dois produtos. Atualmente, as exportações tailandesas atingem cerca de 85% do mercado internacional e o principal destino é a União Europeia e a China (1).

A América Latina, que já foi líder na produção mundial de mandioca, sofreu um forte retrocesso e, após a década de 1970, a sua participação passou de 30% para apenas 8%. Evidentemente, as maiores reduções ocorreram no Brasil, que passou de 30 milhões de toneladas, neste período, para uma média de 18 milhões nas últimas safras (TABELA 01). Apesar desta redução na produção, o Brasil continua líder absoluto e participa com uma média de 70 a 75% dos 24 milhões produzidos na América Latina (2;3).

A cultura da mandioca, no Brasil, passou por importantes mudanças, houve um significativo avanço tecnológico na produção agrícola e também no setor industrial.

Neste aspecto, vale ressaltar a grande contribuição da pesquisa, em especial da Embrap, das unidades da Emater espalhadas por todos os estados, e também nas universidades. Porém, com todos esses avanços tecnológicos, o Brasil se situa, atualmente, em 5º ou 6º lugar no ranking mundial na produção de mandioca (3).

Esta expressiva redução brasileira de mandioca é resultante de menor consumo animal, que foi substituído pelas rações balanceadas, e a substituição de 2% de farinha de raspa de mandioca na farinha panificável. A mudança mais significativa é registrada a partir da década de 80, quando a agricultura brasileira passou por algumas mudanças como: final do ciclo econômico do café, causado pelas fortes geadas no mês de julho de 1975, dando lugar a uma nova atividade ou ciclo da soja. Esta atividade expulsou os trabalhadores, que migraram para grandes centros urbanos em busca de empregos (4).

TABELA 01 – MUNDO - Produção, demanda, nos principais países (milhões de toneladas)

Países	1970	2016	2017	2018	2019	Part.%
África	40,5	172,8	168,3	169,6	193,1	63,6
Nigéria	10,2	59,5	59,3	59,4	59,2	19,5
Rep. Dem. do Congo	10,3	34,5	31	29,9	40	13,2
Gana	1,5	17,7	19	20,8	22,5	7,4
Outros	18,5	61,1	59	59,5	71,4	23,5
Ásia	23,1	85,1	82,7	80,6	86,1	28,4
Tailândia	3,2	31,1	30,8	31,6	31,1	10,2
Indonésia	10,7	20,2	19	16,1	14,6	4,7
Outros	9,2	33,8	32,9	32,8	41,4	13,5
América do Sul	33,9	28,3	25,9	25,2	24,4	8
Brasil	30	21	18,5	17,6	18,9	6,2
Outros	3,9	7,3	7,4	7,6	5,5	1,8
Total Mundial	98,5	288,4	279,3	277,8	303,6	100

FONTE: FAO; SEAB/DERAL, 2021

3. Brasil

3.1 Produção no Brasil

O Brasil, após ceder a liderança de maior produtor mundial de mandioca para a Nigéria, e, na sequência, à Tailândia, República Democrática do Congo e Gana, continua reduzindo a sua participação. O auge foi atingido em 1970, quando a produção brasileira registrou 30 milhões de toneladas. Atualmente, a produção é da ordem de 18 a 19 milhões de toneladas e a taxa de redução nas últimas 7 safras está na média de 3% ao ano. O último levantamento do IBGE indica, para a safra de 2020/2021, uma área de 1,32 milhão de hectares e uma produção de 19,7 milhões de toneladas de mandioca em raiz (5).

Durante as últimas décadas, o avanço das culturas mecanizadas como a soja e o milho e a falta de mão de obra vem restringindo o cultivo da mandioca. Além disso, a mandiocultura brasileira tem característica do consumo voltado basicamente para o mercado interno e com pouca presença no comércio internacional (6). Esta situação fragiliza com muita frequência os preços, todas as vezes que o volume de produção é maior, o que obriga, nestas ocasiões, ao uso da política agrícola dos preços mínimos do Governo Federal.

3.2 Principais Regiões Produtoras

O cultivo da mandioca está presente em todas as regiões e em todos os municípios brasileiros, porém a maior produção se concentra nas regiões Norte e Nordeste do País. Na safra de 2020/21, a Região Norte representa 35,2%; o Nordeste, 19,7%; Sul, 24,1%; Sudeste, 13,5% e Centro-Oeste com 7,5% (FIGURA 02). Em função dos fatores climáticos, com frequentes secas, o Nordeste, que já foi o maior produtor da mandioca, vem reduzindo a sua participação (5).

As duas regiões, Norte/Nordeste, apresentam grande semelhança, principalmente no sistema de agricultura familiar, com predominância de pequenas propriedades e produção canalizada para as fábricas de farinha, consumo humano *in natura* e uma parcela menor para a alimentação animal. Ambas possuem um expressivo número de farinheiras, que variam de pequeno a médio porte, e empregam um grande contingente de mão de obra (2). Ressalte-se também que, nos últimos anos, houve uma melhoria no setor industrial e várias fábricas de farinha já estão produzindo em escala maior e com excelente qualidade.

Observa-se, por outro lado, que nos Estados do Nordeste, principalmente na Bahia, que, além de indústrias mais modernas de farinha, já estão sendo implantadas algumas fecularias. Também no Ceará, Pernambuco e Alagoas houve um notável avanço, tanto agrícola como industrial. Estes são os principais estados do Nordeste na produção de mandioca e seus derivados(5). O estado da Bahia conta com um importante centro de pesquisa da Embrapa, localizado em Cruz das Almas, e vem

contribuindo com excelentes resultados para o setor, por meio de pesquisas, trazendo ao mercado cultivares de mesa com alta produtividade, podendo alcançar até 70 toneladas por hectares (BRS 399), e cultivares industriais com alto teor de matéria seca e com aumento significativo da produtividade (BRS CS 01) (3).

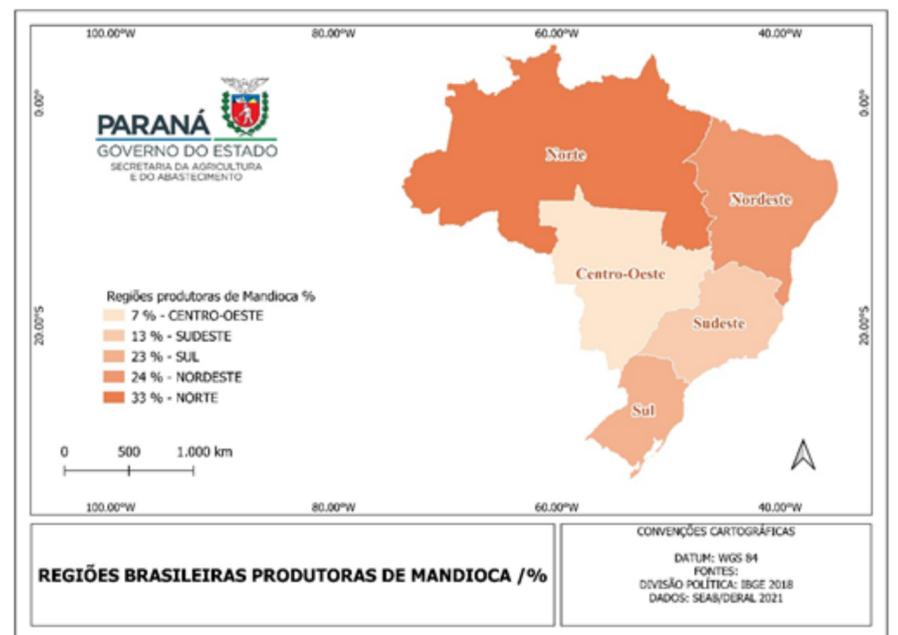


FIGURA 02 - BRASIL - Regiões Produtoras de mandioca (%) Safra 2020/2021

Já nas regiões do Sul, Sudeste e Centro-Oeste, estão concentradas as principais indústrias de fécula, embora também existam muitas farinheiras. Vale destacar o Paraná, que conta com o maior e o mais moderno parque industrial, tanto de fécula como de farinha (4). Nestes estados, predominam produções em grandes áreas e a maioria das lavouras já é mecanizada, à exceção ainda da colheita, para a qual não se desenvolveu uma máquina adequada (TABELA 02).

TABELA 02 – BRASIL - Principais estados, área, produção e produtividade de mandioca 2020/2021

Regiões/Estados	Área (1000ha)	Produção (1000t)	Produtividade (kg/ha)	Part. %
Norte	481	6.580	13.680	35,2
Pará	300	3.940	13.133	21,1
Amazonas	102	1.047	10.265	5,6
Acre	25	584	23.360	3,1
Outros	54	1.009	18.685	5,4
Nordeste	410	3.690	9.000	19,7
Bahia	123	862	7.008	4,6
Ceará	57	522	9.158	2,8
Maranhão	53	425	8.019	2,3
Pernambuco	43	399	9.279	2,1
Piauí	42	456	10.857	2,4
Alagoas	40	517	12.925	2,8
Outros	52	509	9.789	2,7
Sul	217	4.516	20.811	24,1
Paraná	143	3.339	23.350	17,8
Rio Grande do Sul	57	833	14.614	4,5
Santa Catarina	17	344	20.235	1,8
Sudeste	143	2.524	17.650	13,5
São Paulo	86	1.698	19.744	9,1
Minas Gerais	38	547	14.395	2,9
Outros	19	279	14.684	1,5
Centro-Oeste	72	1.407	19.542	7,5
Mato Grosso do Sul	42	947	22.548	5,1
Mato Grosso	18	275	15.278	1,5
Outros	12	185	15.417	1
Brasil	1.323	18.717	14.147	100

FONTE: IBGE; SEAB/DERAL, 2021.

Atualmente, o País conta com 71 fecularias, sendo que 42 se localizam no Paraná, ou aproximadamente 60% do parque industrial (4). Em sua grande maioria, essas indústrias são consideradas de médio e grande portes, com capacidade instalada de 300 a 450 toneladas de raiz por dia. No Paraná, o crescimento industrial teve o seu auge a partir de 1980, quando se registrava o final do ciclo da cultura de café.

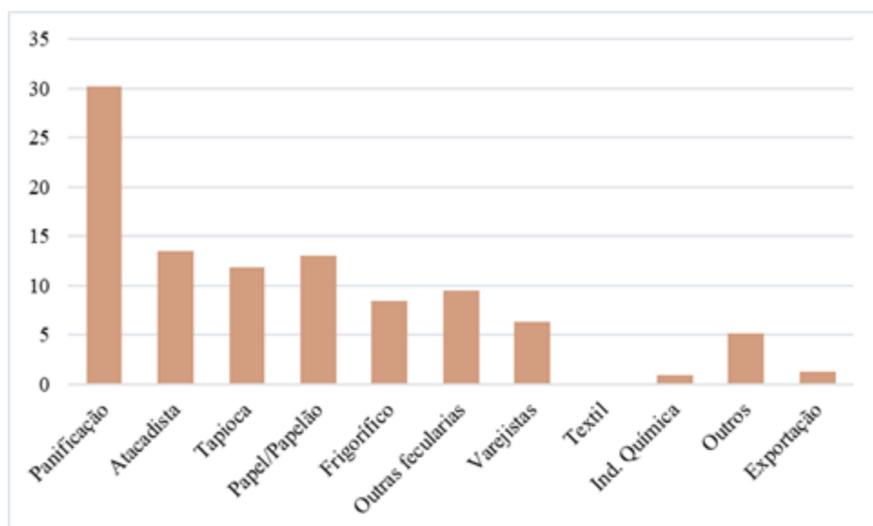
A partir da década de 80, a industrialização de mandioca, no Paraná, teve o seu crescimento mais acelerado (4). Esse significativo aumento no número de plantas industriais foi resultante das vantagens que alguns municípios ofereciam aos empresários. Os principais atrativos para a instalação de fecularias eram a isenção de impostos por parte dos prefeitos, alguns serviços

de terraplanagem e também a disponibilidade de terras antes ocupadas com cafezais. Vários empresários catarinenses aproveitaram esses benefícios e transferiram as suas fecularias para o Paraná.

A concentração das indústrias de fécula localiza-se, principalmente, nos Núcleos Regionais de Paranaguá, Umuarama, Campo Mourão, Maringá e Toledo. A distribuição espacial é de 25 plantas na região Noroeste paranaense, 10 no extremo Oeste e 7 no Centro-Oeste. Vale frisar que os incentivos à época também facilitaram a implantação de várias farinheiras, entre as quais, algumas com potencial de produzir até 1000 sc de farinha/dia. Com isso estava consolidado o novo parque industrial do Paraná. Desta época em diante, o Estado tornou-se o segundo produtor nacional de mandioca em raiz e assumiu a liderança na produção de fécula. Em anos em que a seca no Nordeste reduz a produção, as farinheiras do Paraná, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul passam a produzir mais farinha em detrimento da fécula. Neste caso, eventualmente, o Brasil chega a importar pequenas quantidades de fécula (4).

3.3 Demanda Brasileira de Fécula

Apesar de a fécula brasileira ser competitiva no mercado internacional, sua participação nas exportações ainda é pouco significativa diante de outros países e, principalmente, frente à Tailândia que detém a hegemonia dos volumes transacionados com outras nações.



FONTE: CEPEA; SEAB/DERAL, 2021.

FIGURA 03 - BRASIL: Principais estados exportadores de fécula de mandioca - 2021

Com reduzidos volumes exportados, dificilmente superior a 2%, praticamente toda a produção é destinada ao mercado interno (TABELA 03).

TABELA 03 – BRASIL - Principais setores consumidores de fécula de mandioca 2015-2019

Setores	2015	2016	2017	2018	2019
Panificação	24,5	22,8	27,7	22	30,2
Atacadista	19,1	18,9	19,6	18,4	13,5
Tapioca	1,2	7,5	13,6	12,8	11,8
Papel/Papelão	16,5	8,9	5,4	6	13
Frigorífico	12,3	17,6	16,2	21,6	8,5
Outras fecularias	12,4	6	5	3,7	9,5
Varejistas	3,6	7,3	6,2	6,4	6,3
Textil	1,9	2,6	2,7	1,4	0
Ind. Química	2,7	5,2	1,6	3,7	0,9
Outros	5,8	9,8	1,9	3,4	5,1
Exportação	3	0,9	0,4	0,5	1,3

FONTE: CEPEA; SEAB/DERAL, 2021.

3.4 Mercado Internacional de Fécula

Ao longo das últimas décadas, o mercado internacional de fécula continua dominado pela Tailândia, maior produtor e também responsável por cerca de 85% das exportações mundiais de fécula de mandioca (1;6). O principal destino das exportações tailandesas de fécula é a União Europeia, mas eventualmente também para o

Brasil em volumes reduzidos. A pouca participação brasileira no comércio internacional deve-se, essencialmente, a motivos de instabilidade na produção e altos custos, se comparados aos da Tailândia (6).

TABELA 04 – BRASIL - Principais estados exportadores de fécula de mandioca – 2015-2020

Estados	2019		2020		2021*	
	t	US\$ (1.000)	t	US\$ (1.000)	t	US\$ (1.000)
Paraná	3.550	3.244	7.383	4.980	8.418	4.968
Santa Catarina	726	885	1.008	1.098	658	649
São Paulo	1.049	1.355	2.864	2.963	6.483	4.109
Outros	1.414	845	2.306	1.168	6.470	3.966
Brasil	6.539	6.329	13.561	10.209	22.029	13.692

FONTE: AGROSTAT/MAPA *até o mês agosto/21

É necessário, portanto, elevar os níveis de produção e conquistar mercados novos, porém, antes de tudo, é preciso alcançar assiduidade contínua na oferta para conquistar maiores interesses pelo produto brasileiro. A produção atual atende plenamente o mercado interno, com exportação pouco expressiva. O maior volume exportado pelo Brasil foi em 2015, quando alcançou 21.598 toneladas do produto (6).



FONTE: SEAB/DERAL, 2021.

FIGURA 04 - BRASIL: Principais estados exportadores de fécula de mandioca - 2021

4. Paraná

O Paraná continua sendo o segundo produtor nacional de mandioca, perdendo apenas para o estado do Pará (2). Entretanto, com o esgotamento da fronteira agrícola e a forte concorrência com outras culturas como a soja e o milho, a situação já começa a preocupar e a cultura da mandioca poderá sofrer mais reduções nos próximos plantios. Na presente safra de 2020/2021, a área ocupada com mandioca, no Paraná, é de 143 mil hectares e a produção prevista de 3,3 milhões de toneladas. Da produção estadual, estima-se que 70% sejam destinados às fábricas de fécula, farinha e polvilho azedo. A distribuição espacial concentra-se nos Núcleos Regionais de Umuarama, 35%; Paranavaí, 29%; Campo Mourão, 9% e Toledo, 6% (FIGURA 05).

As maiores áreas e as tecnificadas estão concentradas nos núcleos regionais do Noroeste, Oeste e Centro-Oeste do Estado. Nestas regiões, além de serem cultivos com melhorias agrícolas como preparo do solo, adubação e manivas selecionadas, são praticamente todos mecanizados, à exceção da colheita que ainda carece de alguns ajustes nos equipamentos, que estão sendo testados. Nas demais regiões do Estado, o cultivo de mandioca está presente em todos os municípios, porém em áreas menores, e a produção se destina basicamente para a alimentação humana e animal. Como a produção é em pequena escala, os produtores não empregam praticamente nenhuma tecnologia, resultando em baixa produtividade, e as pequenas sobras são comercializadas em quitandas e feiras livres (4).

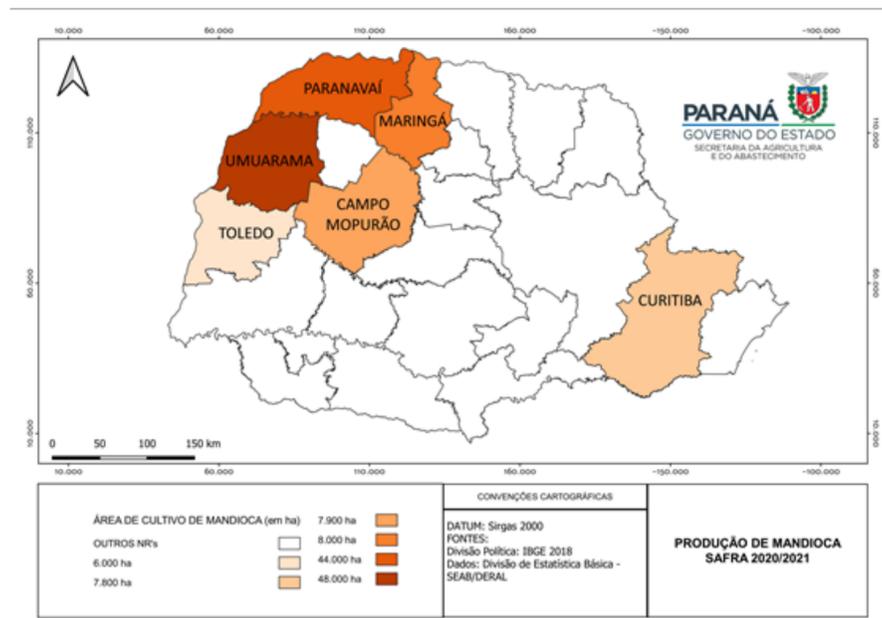


FIGURA 05 – PARANÁ - Área de Cultivo de Mandioca (t) nos Núcleos Regionais 2020/2021

Além desses dois processos produtivos, a produção industrial e a exploração nos municípios onde não existem indústrias de fécula e farinheiras, começa a ganhar certa importância a mandioca de mesa cultivada no entorno dos grandes centros consumidores como Curitiba, Londrina, Maringá e Cascavel. São grupos de produtores associados em pequenas cooperativas que já praticam a semi-industrialização da mandioca. A produção desses grupos é canalizada para as Ceasa e também para os supermercados dos grandes centros (4).

Como a maior dificuldade com a mandioca de mesa sempre foi a questão do cozimento, foi criado um grupo de trabalho constituído por várias entidades governamentais e privadas. Este projeto iniciado em 2019 conta com a parceria da Seab/Deral/IDR-Paraná, Sebrae, Prefeitura de Curitiba e cooperativas de pequenos agricultores. O objetivo principal deste projeto é a produção de uma mandioca de qualidade, competitiva em preços e que traga a tranquilidade às donas de casa na questão de cozimento durante todos os meses do ano (4).

TABELA 05 – PARANÁ - Área e produção de mandioca nos principais Núcleos Regionais

Núcleos Regionais	Safrá 2020/21		Safrá 2021/22	
	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)
Umuarama	48.000	1.124.000	45.000	1.084.500
Paranavai	44.000	1.142.900	38.000	855.000
Campo Mourão	7.900	172.500	6.500	33.600
Maringá	8.000	216.800	7.040	161.920
Curitiba	7.800	155.800	7.800	158.340
Toledo	6.000	158.500	6.000	159.000
Outros	17.300	348.400	14.360	375.540
Total: Paraná	139.000	3.318.900	124.700	2.827.900

FONTE: SEAB/DERAL, 2021.

4.1 Mão de Obra

A cultura da mandioca emprega um grande contingente de mão de obra, uma vez que até a presente safra ainda não se consegue a mecanização em todo o seu ciclo vegetativo. As etapas de preparo do solo, plantio e tratamentos culturais já são realizadas com a ajuda da mecanização, mas a colheita continua executada manualmente. Este item é bastante oneroso na composição do custo de produção, uma vez que a sua participação é de aproximadamente 40%.

Conforme já comentado anteriormente, a mão de obra, além de participar com maior valor no custo de produção, atualmente é o fator limitante devido a sua escassez no campo. Após a implantação das culturas de soja, milho e trigo nos anos de 1980, a mecanização destas culturas iniciou o processo de expulsão dos trabalhadores no campo. Vale lembrar que, com a redução do plantio de café e de algodão, muitos trabalhadores foram para os grandes centros em busca de emprego e algumas famílias migraram para outros estados.

4.2 Rentabilidade Econômica

A rentabilidade econômica é de fundamental importância dentro da cadeia produtiva, pois é a variável que mede os resultados positivos ou negativos que a cultura proporciona. Durante as duas últimas safras de 2019/20 e 2020/21, efetivamente a mandioca não apresentou resultados satisfatórios (4). Na verdade, a comercialização em nosso estado sofreu impacto com a pandemia, pois vários segmentos que utilizam a fécula reduziram a demanda em função da paralisação de muitas indústrias. Também contribuiu a boa safra da mandioca no Nordeste, resultando em pouca venda de farinha para aqueles estados.

Atualmente, o mercado do Nordeste está abastecido com a própria produção. O setor industrial que demanda fécula continua em baixa, o que vem contribuindo para a redução dos preços em todos os estados. Durante o mês de julho, a rentabilidade econômica da mandioca ficou em torno de 57% sobre o custo variável e 19% sobre o custo total de produção (4).

4.3 Preços

Conforme já relatado anteriormente, é nítida a redução de plantio de mandioca nos principais estados da Federação. Porém, apesar desta situação, os preços não reagiram com a mesma amplitude dos grãos, como o caso da soja, milho, arroz e feijão, que estão altamente valorizados a ponto de comprometerem as cestas básicas ou as pessoas de baixa renda. Portanto, no caso da farinha, os atacadistas nordestinos estão ausentes nos últimos meses, devido à produção local

suficiente ao seu abastecimento. Já no caso da fécula, o maior gargalo foi criado pela pandemia, que paralisou muitas atividades industriais.

Para o segundo semestre de 2021 e, principalmente, para o início de 2022, o setor está otimista, pois a drástica redução de mais de 50% na produção de milho da 2ª safra já deverá trazer reflexos positivos à demanda da fécula de mandioca. Também todos esperam com otimismo que o avanço da vacinação contra a Covid-19 possa trazer reflexos positivos e imediatos para o crescimento da economia em geral.

Durante o mês de setembro/21, os produtores receberam em média de R\$ 520/t de mandioca, posta na indústria, o que representou aumento de 39% em relação ao mesmo período do ano passado. A fécula, no atacado, foi comercializada a R\$ 73,00/sc de 25 kg, aumento de 26% durante estes 12 meses, e a farinha crua por R\$ 101,00/sc de 50 kg, crescimento de 20% no período considerado. Embora esses percentuais de aumentos sejam consideráveis, é importante observar que, em julho de 2020, os preços estavam bastante defasados aos produtores e também no atacado da fécula e da farinha (4).

4.4 Prognóstico

Após uma fantástica safra de 2016/2017, quando o preço médio recebido pelos produtores registrou R\$ 552,00/t de mandioca, posta na indústria, durante os 4 anos seguintes os valores praticados foram reduzidos em torno de 22%. Neste período ocorreram situações em que os preços não cobriam o custo total de produção ou chegavam muito próximo (4). Isto aliado à extraordinária valorização dos grãos e da escassez

da mão de obra no campo consolidaram o movimento crescente na redução do plantio de mandioca.

As culturas de soja, milho e trigo estão absorvendo maiores quantidades de terras em nosso Estado, em detrimento da cultura de mandioca. Além da valorização e da garantia de comercialização destes produtos, destaca-se a vantagem de serem cultivos de curto ciclo, geralmente 3 ou 4 meses, contra 12 a 18 meses da mandioca, o que mostra a preferência dos fazendeiros no momento de arrendar as terras.

O cenário dos anos de 2020 e 2021 é muito semelhante, pois ambos foram prejudicados pela pandemia provocada pelo Covid-19, que se iniciou em março de 2020 e permanece até o segundo semestre de 2021. Com uma área de 143.00 hectares na safra de 2021 e somando-se os plantios de alguns produtores paranaenses que migraram para Mato Grosso do Sul e São Paulo, a produção de mandioca é de certa forma suficiente para atender a demanda industrial.

Diante deste cenário e com a elevação dos preços do milho e do amido, é possível que a fécula de mandioca alcance melhores preços e seja mais demandada neste final de ano de 2021. Caso contrário, a nova safra de mandioca poderá reduzir mais ainda a sua área e com isso causar uma preocupação de desabastecimento para o parque industrial instalado no estado do Paraná.

O primeiro levantamento realizado pelos técnicos do Departamento de Economia Rural-Deral indica uma área de plantio de mandioca, na safra de 2021/2022, de 125.000 hectares, e uma produção de 2.827.900 toneladas de mandioca em raiz. Esta estimativa representa uma redução de 10% em relação à área plantada

e 14% na produção, comparativamente à safra de 2020/21. O plantio da nova safra já se iniciou, apesar da falta de chuvas e do excesso de geadas que estão castigando severamente os três estados do Sul. Vale lembrar que esta prática se concentra durante os meses de setembro e outubro e, eventualmente, se estende até o início de dezembro, principalmente quando acontece um acentuado aumento nos preços da raiz.

5. Referências Bibliográficas

1 – FAO – Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura. Disponível em: <http://www.fao.org/faostat/en/#home>

2 - CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada. Disponível em: <https://www.cepea.esalq.usp.br/br>

3 - EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Disponível em: <https://www.embrapa.br/>

4 - DERAL/SEAB, Previsão de Safras. Disponível em: <http://www.agricultura.pr.gov.br/deral/safras>

5 - IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>

6 - Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços. Disponível em: <http://www.mdic.gov.br/index.php/comercio-exterior>



agricultura.pr.gov.br



@deral_pr



linkedin.com/company/deralpr



@deralpr



Seab - PR